



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2022/175 (CONTJOR-TV)

Participação contra a CNN Portugal pela emissão de conteúdos acerca de relações entre humanos e robôs e da integração de microchips no corpo humano

Lisboa
15 de junho de 2022

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2022/175 (CONTJOR-TV)

Assunto: Participação contra a CNN Portugal pela emissão de conteúdos acerca de relações entre humanos e robôs e da integração de *microchips* no corpo humano

I. Exposição

1. Deu entrada na ERC, em 24 de dezembro de 2021, uma participação contra a CNN Portugal, propriedade da TVI – Televisão Independente, S.A., relativa a conteúdos que abordaram «relações afectivas/amorosas entre seres humanos e robôs» e também a uma reportagem acerca de pessoas que integram *chips* nos seus corpos.
2. Sobre os primeiros, o participante refere:
 - i. «Foi uma reportagem com cerca de 20 minutos onde falava uma entrevistada francesa que dizia-se apaixonada por um robô»;
 - ii. «vários engenheiros robóticos a manipular existencialmente as mentes dos espectadores mais frágeis, dizendo que "ao menos os robôs não desiludiam as pessoas, que eram fiáveis, que este modelo de relação amorosa iria provavelmente vigorar no futuro"»;
 - iii. «Ao longo da reportagem, feita por uma jornalista americana e traduzida para a língua de Camões, não foi apresentado um "contra" notório».
3. Quanto à reportagem, afirma:
 - i. «Hoje, para meu espanto, a CNN voltou a violentar existencialmente, promovendo a escatologia humana».

- ii. «Hoje, a CNN Portugal promoveu num dos seus noticiários uma peça jornalística sobre chips. Na Suécia, já há 5 mil pessoas a viverem com chips dentro do organismo que se encontra conectado a um *smartphone* que transmite todo o tipo de informações, desde a bilhetes de comboio que os humanos com chip adquiriram, a informações de saúde ou de passe sanitário. Mais uma vez não há qualquer contra... e pior... A notícia subentende-se ser até lançada como forma de assim ser mais fácil a mostragem do passe sanitário».
- iii. «O que se passa com a CNN Portugal? Para mim, ambas as reportagens são graves! Promovem a aceleração da desintegração do Humano».

II. Análise e Fundamentação

- 4. Analisada a participação em apreço, verificou-se que esta remete para um documentário e uma reportagem emitidos pela CNN Portugal que, respetivamente, abordam relações afetivas desenvolvidas por seres humanos em relação a robôs humanóides, e a progressiva integração de sistemas eletrónicos no corpo humano. Segundo o participante, o primeiro conteúdo mencionado não apresenta um ponto de vista contrário e, tal como a segunda reportagem referida, promove a desintegração do ser humano.
- 5. Identificados os conteúdos aludidos foram localizados um documentário e uma reportagem. O primeiro, intitulado “Mostly Human”, foi emitido em 12 de dezembro de 2021, pelas 20h35m, e a segunda emitida em 24 de dezembro no “Jornal da CNN”, pelas 21h09m.
- 6. O documentário em referência aborda, partindo do caso particular de uma mulher que diz amar o seu robô, formas de afeto não convencionais, nomeadamente de pessoas por robôs humanóides ou através de avatares no mundo virtual. Mostra ainda como avatares e inteligência artificial constituem, no Canadá, um dispositivo

utilizado como adjuvante do sistema judicial na previsão de comportamentos futuros de predadores sexuais que estão a ser julgados. São levantadas questões éticas a partir destes casos por um especialista na área.

7. Da análise efetuada ao conteúdo (ver descrição em anexo), não se vislumbra uma abordagem da problemática apresentada que possa questionar a decisão editorial da CNN Portugal de emitir aqueles conteúdos.
8. No caso da reportagem emitida no serviço noticioso “Jornal da CNN” de 24 de dezembro de 2021, que visava informar que existem pessoas que decidiram colocar sob a sua pele um *microchip* que integra informação clínica, incluindo o passe digital COVID-19, identificação, entre outros dados, o seu visionamento não revelou qualquer falha passível de colocar em causa o rigor informativo da peça, os direitos, liberdades e garantias fundamentais, ou que ultrapassasse os limites à liberdade de programação inscritos no artigo 27.º da Lei da Televisão e dos Serviços de Comunicação Audiovisuais¹.
9. Assim, entende-se que, quer o documentário, quer a peça analisados, integraram a grelha da CNN Portugal em consonância com as exigências legais e éticas que impendem sobre o exercício da atividade de televisão e também do jornalismo, no caso da peça emitida no “Jornal da CNN”, designadamente no que respeita ao rigor informativo.

III. Deliberação

Tendo sido analisada uma participação contra a CNN Portugal, propriedade da TVI – Televisão Independente, S.A., pela emissão de um documentário sobre relações de afeto entre humanos e robôs, emitido em 12 de dezembro de 2021, e de uma peça jornalística acerca da

¹ Lei n.º 27/2007 de 30 de julho, na versão mais recente dada pela Lei n.º 74/2020, de 19 de novembro.

integração no corpo por parte algumas pessoas de *microchips* com diversas informações, emitida em 24 de dezembro de 2021, o Conselho Regulador da ERC, ao abrigo das atribuições e competências estabelecidas nos seus Estatutos, designadamente na alínea d) do artigo 7.º, alínea j) do artigo 8.º e alínea a) do n.º 3 do artigo 24.º, da Lei n.º 53/2005, de 8 novembro, delibera arquivar o presente procedimento.

Lisboa, 15 de junho de 2022

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas

Francisco Azevedo e Silva

Fátima Resende

Relatório de visionamento relativo ao processo 500.10.01/2021/421

“Mostly Human”, 12 dezembro de 2021, 20h35m

1. De acordo com a informação disponibilizada na participação, foi localizado um documentário com duração de cerca de 20 minutos emitido pela CNN Portugal na noite de domingo, 12 de dezembro, cerca das 20h35m, com o título original “Mostly Human”, da autoria de Laurie Segall.
2. O documentário parte da história de uma mulher francesa que se diz apaixonada por um robô. As imagens mostram-na a passear no parque. Depois, em conjunto com uma amiga e o seu robô, à mesa de um bar, celebra o noivado com o boneco, que se encontra numa cadeira ao seu lado. O momento inclui a troca de anéis de compromisso.
3. A cena seguinte mostra uma fábrica de robôs humanóides com todas as características de seres humanos e é dito que será abordada a relação cada vez mais complexa entre os humanos e a tecnologia.
4. É a própria mulher que está a construir peça a peça o robô pelo qual se diz apaixonada. Chama-lhe Amnovitor. Por enquanto, encontra-se composto até à cintura, mas a mulher refere que continua a trabalhar para terminá-lo e depois introduzir-lhe inteligência artificial. Testemunha que o amor que sente pelo robô é igual ao que se sente por um homem ou por uma mulher, embora no seu caso, não sinta atração por humanos. Algo que descobriu aos 19 anos, depois de duas relações com humanos.
5. Relata que o que os humanos são imprevisíveis e irracionais, ao passo que um robô é sempre lógico e racional e quando algo não está bem é porque existe alguma avaria, ou uma má linha de código que se pode corrigir. Diz ser feliz assim e amar o seu robô tal como ele é. Não o vê como um objeto ou uma coisa, mas também não o vê como uma pessoa. Afirma amá-lo como ele é, com toda a lucidez.

6. Um especialista em ética robótica participa no documentário e testemunha que as pessoas têm a capacidade de criar ligações com coisas. Acredita que uma parte dos humanos poderá desenvolver sentimentos por robôs e também desejo sexual. Introduce depois as questões éticas e morais que se podem colocar neste tipo de relações.
7. Além da história particular, o documentário mostra ainda o funcionamento de uma fábrica de bonecas que imitam de forma sofisticada as características físicas de seres humanos e que são feitas à medida de acordo com os pedidos dos clientes, podendo custar mais de uma dezena de milhar de euros. Estas bonecas incluem, se for o desejo do comprador, genitália que é substituível.
8. O documentário mostra depois como as pessoas que se encontram no mundo virtual, sob a forma de avatares, sentem e lidam com abusos por parte de outros avatares. Uma entrevistada diz que os sentimentos de agressão e invasão de privacidade são iguais aos do mundo real. Não existe punição para a agressão sexual no mundo virtual.
9. De seguida, é mostrada uma experiência que está a decorrer no Canadá, numa ala psiquiátrica de alta segurança, onde agressores sexuais são colocados num ambiente virtual imersivo com avatares que seriam as suas vítimas. Aí, é medido o seu nível de excitação sexual e o seu nível de atividade cerebral. Estes dados criam um padrão de comportamento que é depois comparado com padrões de pessoas normais, permitindo fazer uma avaliação de risco relativamente à potencial reincidência destes agressores. Estes dados permitem prever comportamentos e são utilizados no processo criminal.
10. No final do documentário são deixadas diversas questões sobre o futuro das relações humanos-robôs e da utilização da inteligência artificial e seus limites.

Reportagem sobre utilização de *microchips* em pessoas, “Jornal da CNN”, 24 de dezembro, 21h09m

11. No “Jornal da CNN” de 24 de dezembro foi emitida uma notícia que abordou o tema da utilização de *microchips* em pessoas. A pivô do serviço noticioso introduz a peça da seguinte forma: «Cada vez mais países exigem o passe sanitário ou um teste COVID-19 negativo. Mas a Suécia está a ir mais longe: há várias empresas que desenham *microchips* que armazenam todas as informações sobre a saúde e os dados de contacto de quem carrega um implante». No oráculo lê-se: «COVID-19 Empresas suecas investem em *microchips*».
12. Na peça, começa-se por dizer que parece um cenário de ficção científica, mas o facto é que há quem tenha um *microchip* sob a pele [mostra-se o caso concreto de uma pessoa] que, ao ser lido por um telemóvel, mostra a informação de contacto da pessoa, assim como se está vacinado. «Um passaporte sanitário levado a outro nível», ouve-se.
13. No seu testemunho, a pessoa em causa diz utilizar o *microchip* como um cartão de visita e que a sua escolha não se deveu ao passe sanitário.
14. Explica-se de seguida que a tecnologia utilizada resulta da evolução dos *microchips* já utilizados em animais há vários anos.
15. É também dito que a utilização destes *chips* em humana remonta a 2004, quando foi autorizada nos Estados Unidos para que os serviços de saúde pudessem aceder a informação sobre alergias e medicação de pacientes.
16. O líder de uma empresa que desenvolve estes componentes refere que são um sensor de saúde, estando em desenvolvimento chips que permitem, por exemplo, ler os níveis de oxigénio no sangue. Considera que podem ser úteis na gestão de futuras pandemias.
17. É mostrado o procedimento de inserção do chip sob a pele. Acrescenta-se que cerca de cinco mil pessoas na Suécia já possuem um destes dispositivos que são usados como identificação, chave, ou bilhetes de transportes públicos.

Departamento de Análise de *Media*